



A arte medieval, o anseio pela beleza e a *quarta via* de São Tomás de Aquino
Medieval art, the longing for beauty and the *fourth way* of St. Thomas Aquinas
Arte medieval, el anhelo de la belleza y la *cuarta vía* de São Tomás de Aquino

Armando Alexandre dos SANTOS¹

Resumo: Este artigo focaliza a quarta via de São Tomás de Aquino (1225-1274) para a demonstração racional da existência de Deus (a via dos graus de perfeição) desde o ponto de vista específico da busca contínua, em tudo, da beleza como ideal de inspiração religiosa, na arte e na vida dos medievais.

Abstract: This article focuses on the fourth way of St. Thomas Aquinas (1225-1274) for the rational demonstration of the existence of God (the way of degrees of perfection) from the specific point of view of the continuous search, in everything, of beauty as an ideal of religious inspiration, in the art and life of the medieval people.

Palavras-chave: Arte Medieval – Anseio pela beleza – *Pulchritudinis via* – Provas da existência de Deus – São Tomás de Aquino.

Keywords: Medieval Art – Longing for beauty – *Pulchritudinis via* – Evidences of the existence of God – St. Thomas Aquinas.

ENVIADO: 24.05.2020
ACEPTADO: 30.10.2020

Inicialmente, deve-se esclarecer que a expressão *pulchritudinis via* – via da beleza – não foi diretamente empregada por São Tomás de Aquino (1225-1274), embora exprima de modo muito adequado o mais profundo do seu pensamento. Ela é frequentemente utilizada em contraposição, e ao mesmo tempo em complementaridade, com a *veritatis via*, a via da verdade. Costuma-se dizer, nos meios eclesiásticos, que o intelectual busca a Deus pela verdade filosófica e teológica, enquanto o espírito simples do povo fiel O

¹ Doutor pela Universitat d'Alacant (Programa *Transferencias Interculturais e Históricas en la Europa Medieval Mediterránea*), membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Academia Portuguesa da História (ACP), professor de História Militar e História Medieval na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: aasantos@uol.com.br.

procura na beleza, chegando ambos ao mesmo objetivo final, já que Deus é a Verdade e é a Beleza inciadas.²

O objetivo do presente artigo é focalizar a quarta via de São Tomás de Aquino para a demonstração racional da existência de Deus – a via dos graus de perfeição – desde um ponto de vista específico, o da busca continua, em tudo, da beleza como ideal de inspiração religiosa, na arte e na vida dos medievais.³ Trata-se, pois, de um tema filosófico e especulativo, mas concernido num enquadramento histórico específico.

Esse enquadramento, obviamente, não significa que o alcance do tema se restrinja à Idade Média. Ele é, na verdade, permanente, pois corresponde a um anseio profundíssimo no espírito humano em todas as épocas históricas. Apenas nosso foco é, por opção, o medieval.

Para a intelecção do tema, é necessário ter em consideração o altíssimo papel que desempenhava, na Idade Média, a Beleza, assim como a noção de que o universo criado, com o conjunto das criaturas, refletia a própria Beleza do Criador. A noção de que era por meio da escada – ou escala – das criaturas que se chegava até Deus (*scala creaturarum ad Deum*) era algo profundamente impregnado na mentalidade medieval.

² Ver, a respeito, [La Via pulchritudinis, cammino privilegiato di evangelizzazione e di dialogo](#), documento final da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura, de 27/28 de março de 2006. Ver também, como aplicação prática da distinção entre *veritatis via* e *pulchritudinis via* num campo específico da Teologia – a Mariologia – o [discurso de Paulo VI aos participantes dos Congressos Mariológico e Mariano realizados em Roma em maio de 1975](#): “*Al riguardo, si possono seguire due vie. La via della verità, anzitutto, cioè della speculazione biblico-storico-teologica, che riguarda l'esatta collocazione di Maria nel mistero di Cristo e della Chiesa: è la via dei dotti, quella che voi seguite, necessaria certamente, di cui si avvantaggia la dottrina mariologica. Ma vi è anche, oltre a questa, una via accessibile a tutti anche alle anime semplici: è la via della bellezza, alla quale ci conduce, alla fine, la dottrina misteriosa, meravigliosa e stupenda che forma il tema del Congresso Mariano: Maria e lo Spirito Santo. Infatti, Maria è la creatura 'tota pulchra'; è lo 'speculum sine macula'; è l'ideale supremo di perfezione che in ogni tempo gli artisti hanno cercato di riprodurre nelle loro opere; è 'la Donna vestita di sole' (Apoc. 12, 1), nella quale i raggi purissimi della bellezza umana si incontrano con quelli sovrani, ma accessibili, della bellezza soprannaturale*”.

³ Uma primeira versão da matéria deste artigo foi apresentada oralmente pelo autor no XIII Congresso Internacional de Filosofia Medieval, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, 2011).



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 13* (2020/2)

Arte, belleza y contemplación estética

Art, bellesa i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Cumprе lembrar que, na Idade Média, a Beleza, a *Pulchritudo*, era entendida não como algo opinativo e subjetivo, mas como algo objetivo e até mesmo chegou a ser entendida como uma característica transcendental do ser. Os seres possuíam uma beleza intrínseca por si mesmos, porque existiam, porque eram verdadeiros, porque tinham unidade. Alguns filósofos chegavam a incluir o *Pulchrum* como um dos transcendentais do ser, juntamente com o *Unum*, o *Verum*, o *Bonum*. Outros consideravam o *Pulchrum* apenas como um aspecto do *Bonum*, preferindo definir a Beleza como o esplendor da Bondade (*pulchritudo splendor bonitatis*). Mas, de qualquer forma, não se entendia, como mais tarde se entendeu, que beleza é mera questão de gosto. Nada mais alheio ao espírito medieval do que o relativismo estético, como aliás qualquer forma de relativismo.

São Tomás de Aquino dedicou os caps. X a XIII, do Livro I da *Summa contra Gentiles* (SCG) e a questão 2, da Primeira Parte da *Summa Theologiae* (ST), à demonstração racional da existência de Deus. Em outros escritos esparsos deixou, também, fragmentos que poderiam ser incorporados ao *corpus* formado pelas duas obras maiores, para tal demonstração.

Ele começa, nas duas obras, por refutar os dois principais erros que se opunham a essa demonstração, de um lado os que diziam ser ela desnecessária, de outro os que a achavam impossível.

Os primeiros, ontologistas, professavam a doutrina segundo a qual Deus é, imediatamente, o primeiro objeto de nosso conhecimento, sendo portanto desnecessária a fé para tal conhecimento, como tampouco seria necessária a razão humana. O Aquinate os refuta em SCG, Livro I, caps. X (*De opinione dicentium quod Deum esse demonstrari non potest cum sit per se notum*) e XI (*Reprobatio praemissae opinionis et solutio rationum praemissarum*), assim como, mais extensamente, na ST I, q. 2 (*De Deo, an Deus sit*), artigo 1 (*Utrum Deum esse sit per se notum*), negando taxativamente que a existência de Deus seja por si mesma evidente:

Nullus potest cogitare oppositum eius quod est per se notum, ut patet per Philosophum circa prima demonstrationis principia. Cogitari autem potest oppositum eius quod est Deum esse, secundum illud Psalmi 52,1: “Dixit insipiens in corde suo, non est Deus”. Ergo Deum esse non est per se notum. (ST, I, q. 2 a.1)

Ninguém pode conceber o oposto do que é verdade evidente, como deixa claro o Filósofo (Aristóteles) ao tratar os primeiros princípios da demonstração. Ora, pode-se



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 13* (2020/2)

Arte, belleza y contemplación estética

Art, bellesa i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

pensar o contrário da existência de Deus, como se lê no Salmista: “Disse o néscio no seu coração: não existe Deus”. Logo, a existência de Deus não é verdade evidente.

Negando que seja de evidência imediata, afirma-a no entanto mediata, ou seja, acessível ao nosso intelecto por meio de coisas que nos são conhecidas, e pelos seus efeitos, de acordo com o ensinamento do Apóstolo Paulo e com o Livro da Sabedoria:

O que se pode conhecer de Deus é-lhes (aos homens maus) manifesto, pois Deus lho manifestou. De fato, as coisas invisíveis dele, depois da criação do mundo, compreendendo-se pelas coisas feitas, tornaram-se visíveis, e assim o seu poder eterno e a sua divindade, de modo que são inexcusáveis. (I Rm 1, 19-20)⁴

São vaidade todos os homens em que não se encontra a ciência de Deus, e que pelos bens visíveis não chegaram a conhecer aquele que é, nem, considerando as suas obras, reconheceram quem era o Artífice; mas o fogo, o vento, o ar sutil, ou o giro das estrelas, ou a imensidade das águas, ou o sol e a lua, tomaram por deuses governadores do mundo. Se eles, encantados com a beleza de tais coisas, as julgaram deuses, reconheçam quanto é mais formoso do que elas o que é seu Senhor; porque foi o autor da formosura que criou todas estas coisas. Ou, se eles se maravilharam do seu poder e das suas influências, entendam por elas, que o que as fez é mais forte do que elas; porque pela

⁴ Por “invisíveis” (invisibilia) de Deus se entendem os seus atributos espirituais, conforme explica, com sua grande autoridade, o exegeta Cornélio a Lapide, que, depois de citar, a respeito dessa passagem paulina, as opiniões de Orígenes, S. Tomás, S. Ambrósio, S. Cirilo de Alexandria e fazer referência à noção obscura e pouco definida que já tinham, de Deus e de seu Verbo, os platônicos, acrescenta: “*Dico, ergo: Invisibilia Dei sunt attributa Dei spiritualia, ut esse aeternum, immensum, omniscium, optimum, maximum; virtus Dei est potentia, per quam Deus omnipotens omnium rerum causa est efficiens, regens et providens; divinitas est essentia Dei et majestas, scilicet Deum esse primum ens perfectissimum, a quo omnia pendent, a quo omnia bona expetuntur, et mala omnia avertuntur; Deum esse ultimum finem omnium rerum et operum, maxime humanorum, ideoque colendum esse latría, precibus, votis, sacrificiis, gratiarum actione*” (“Digo, pois, que os invisíveis de Deus são seus atributos espirituais, como ser eterno, não mensurável, onisciente, boníssimo, máximo: a virtude de Deus é a potência pela qual Deus onipotente é causa eficiente, regente e provedor de todas as coisas; a divindade é a essência de Deus e sua majestade, ou seja, Deus como primeiro ser perfeitíssimo, do qual todas as coisas dependem, ao qual agradam todas as coisas boas e pelo qual todas as más são rejeitadas; Deus como último fim de todas as coisas e obras, principalmente dos homens; e por isso devem-lhe ser tributados culto de latría (adoração), orações, votos, sacrifícios, ações de graças”). – A LAPIDE, Cornelio S. J. *Commentaria in Scripturam Sacram R. P. Cornélii a Lapide*. Paris: Ludovicus Vivès Bibliopola Editor, 1866. Tomo XVIII, Divi Pauli Epistolarum, p. 50 (doravante citado como *Commentaria in Scripturam Sacram*, t. XXVIII – Divi Pauli Epistolarum).



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 13* (2020/2)

Arte, beleza y contemplación estética

Art, bellesa i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

grandeza e formosura da criatura, se pode visivelmente chegar ao conhecimento do seu criador. (Sab 13, 1-5)⁵

Quanto aos segundos, fideístas ou agnosticistas, julgavam – e ainda julgam – a existência de Deus matéria estritamente de fé, inalcançável pela simples razão humana. Os fideístas sustentam que somente conhecemos a existência de Deus por tradição, ou seja, porque ouvimos de outros que ouviram de outros, que ouviram de outros mais, até chegar à revelação primitiva. Somente por essa via poderíamos, de acordo com tais pessoas, conhecer a Deus, não sendo esse conhecimento nem evidente nem demonstrável pela razão.

São Tomás rebate essa posição, que viria mais tarde a ser conhecida como tradicionalismo e seria condenada pela Igreja no século XIX, como rebate também a posição agnosticista (dos que negam não só a possibilidade de se chegar à existência

⁵ Comentando o citado trecho de Rm 1,20, conjugado com Sab 13,5, realça Cornélio a Lapide a tese de que pela mera razão humana é possível chegar-se, pela contemplação das obras criadas, ao conhecimento de Deus e de seus atributos: “*Ex hoc loco, et ex Sapient. XIII, 5, patet naturali lumine cognosci posse Deum esse unum, esse liberum, habere providentiam non tantum in universali, sed cujusque hominis in particulari*” (“Dessa passagem, e de Sab 13,5, fica evidente que é possível, pela luz natural, saber que Deus é uno, é livre e exerce sua providência não somente de modo universal, mas sobre cada homem em particular”). Refere a seguir, em abono dessa tese, a autoridade de numerosos autores cristãos, como S. João Crisóstomo, Ambrósio, Beda, Anselmo, Dionísio e Agostinho. E, depois de citar esses autores cristãos, mostra que também entre os filósofos pagãos a mesma possibilidade existia: “*Idem experientia ipsa didicerunt et docuerunt ipsimet Gentiles: nam Trimegistrus dixit mundum esse librum divinitatis et speculum divinorum, in quo nimirum Deus seipsum, quasi Apelles summus, clare expressit et depinxit. In hoc libro non solus studuit S. Antonius, ut de eo testatur Athanasius, aliique eremi incolae: nec solus S. Bernardus, S. Franciscus aliique Sancti; sed etiam Plato, Socrates, Aristoteles omnesque Philosophi. Idem agnovit et docuit Orpheus, cum ait: ‘Mundi machina est musica et admirabilis consonantia, praedicans et laudans Deum; coeli enim enarrant gloriam Dei’. Haec etiam est musica coelorum, quam praedicabat Pythagoras. Unde Philo, lib. De Unitate Dei, et duplici templo, mundum vocat Dei templum*” (“Pela mesma experiência aprenderam e ensinaram os Gentios: pois Trimesgistro diz que o mundo é um livro da divindade e um espelho dos deuses, no qual o próprio Deus se reflete e no qual, como supremo Apeles, claramente se exprimiu e se retratou. Por esse livro não somente estudaram Santo Antão, como dele atestou Atanásio, e os outros habitantes do deserto; não somente São Bernardo, S. Francisco e os outros Santos; mas também Platão, Sócrates, Aristóteles e todos os Filósofos. O mesmo conheceu e ensinou Orfeu, quando disse: ‘A máquina do mundo é música e harmonia admirável, que prega e louva a Deus, pois os céus manifestam a glória de Deus’. Tais coisas são, também, a música dos céus, pregada por Pitágoras. Por isso Filon de Alexandria, no livro Da unidade de Deus e do duplo templo, chama o mundo de templo de Deus”). – Os trechos de a Lapide citados nesta nota foram traduzidos dos *Commentaria in Scripturam Sacram*, t. XXVIII – Divi Pauli Epistolarum, p. 51.



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars* 13 (2020/2)

Arte, belleza y contemplación estética

Art, bellesa i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

de Deus pela razão, mas negam a própria fé) nos dois aludidos capítulos da SCG, assim como em I, q. 2, a.2. Insiste que a procura de Deus pela razão não é contrária à fé na existência divina:

Dicendum quod Deum esse, et alia huiusmodi quae per rationem naturalem nota possunt esse de Deo, ut dicitur Rom. 1,19, non sunt articuli fidei; sed praeambula ad articulos: sic enim fides praesupponit cognitionem naturalem, sicut gratia naturam, et perfectio perfectibile. Nihil tamen prohibet illud quod secundum se demonstrabile est et scibile, ab aliquo accipi ut credibile, qui demonstrationem non capit. (ST, I, q. 2 a.2)

Deve-se dizer que a existência de Deus e outras verdades análogas que sobre Ele podemos conhecer pela razão natural, como diz o Apóstolo, não são artigos de fé, mas preâmbulos aos artigos (de fé), e desse modo a fé pressupõe o conhecimento natural, como a graça pressupõe a natureza e como a perfeição pressupõe o perfectível. Nada impede, entretanto, que alguém aceite e professe pela fé o que de si é demonstrável e cognoscível, por não ser capaz de entender a respectiva demonstração.

O ensinamento tomista de que é possível, pela mera luz da razão humana, conhecer a existência de Deus foi pacificamente aceito na Igreja Católica e foi afirmado, explicitamente, no Concílio Vaticano I, a ponto de ser considerado, por um teólogo muito autorizado, o Cardeal Pietro Parente (1891-1986), “de fé definida”.⁶

Depois de feita a refutação dos erros que se opunham à demonstração racional da existência de Deus, Tomás empreende tal demonstração. Seu grande argumento,

⁶ Segundo o citado teólogo, a proposição de que “*Deus naturali rationis lumine certo cognosci potest ab homine*” (“Deus pode ser conhecido com certeza pelo homem, pela luz da razão”) é “*thesis de fide definita, uti constat ex Conc. Vat.*” (“tese de fé definida, como consta do Concílio do Vaticano”). – *De Deo uno et trino*, p. 26. Naturalmente, entende-se que se trate de um indivíduo normal, e não, obviamente, de um mentecapto ou incapaz: “*Iuxta Conc. Vat. ratio cuiuscumque individui normalis potest discursive e rebus creatis ad Dei cognitionem pervenire: videlicet potentia Deum cognoscendi est personalis*” (“De acordo com o Concílio do Vaticano, a razão de qualquer indivíduo normal pode discursivamente chegar, a partir das coisas criadas, até o conhecimento de Deus: ou seja, trata-se de uma capacidade pessoal de conhecer a Deus” - *Ibid.*, p. 23. O mesmo autor esclarece, numa segunda proposição, que “*recta ratio naturalis certam Dei cognitionem assequi potest non immediate per intuitionem essentiae divinae (ontologismus): vel per ideam innatam (cartesianismus); vel per sensum religiosum (immanentismus modernisticus); sed mediate per considerationem obviam rerum creatarum, independentem a revelatione primitiva et a traditione (fideismus – traditionalismus)*” (“a reta razão natural pode alcançar o conhecimento certo de Deus não imediatamente, pela intuição da essência divina (ontologismo); nem por uma ideia inata (cartesianismo); nem pelo senso religioso (imanentismo modernista) – mas mediadamente, pela consideração óbvia das coisas criadas, independente de revelação primitiva e de tradição (fideísmo – tradicionalismo)”. – *Ibid.*, p. 30.



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 13* (2020/2)

Arte, belleza y contemplación estética

Art, bellesa i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

como é bem sabido, não é inteiramente original, mas é haurido em Aristóteles: é o princípio da causalidade. Em resumo, todo efeito supõe uma causa, a qual é, por sua vez, efeito de outra causa anterior, que o é, ainda, de outra mais, e assim por diante.

Ora, repugna à razão que tal sucessão seja infinita:

Procedit autem Philosophus alia via ad ostendendum non posse procedi in infinitum in causis efficientibus, sed esse devenire ad unam causam primam: et hanc dicimus Deum. Et haec via talis est. In omnibus causis efficientibus ordinatis primum est causa medi, et medium est causa ultimi: sive sit unum, sive plura media. Remota autem causa, removetur id cuius est causa. Ergo, remoto primo, medium causa esse non poterit. Sed si procedatur in causis efficientibus in infinitum, nulla causarum erit prima. Ergo omnes aliae tollentur, quae sunt mediae. Hoc autem est manifeste falsum. Ergo oportet ponere primam causam efficientem esse. Quae Deus est. (SCG, L. I, cap. XIII.)

Procede Aristóteles por outra via para demonstrar que nas causas eficientes não é possível proceder indefinidamente, sendo necessário chegar a uma causa primeira, à qual chamamos Deus. É a seguinte: em todas as causas eficientes ordenadas, o primeiro é causa do médio, e o médio é causa do último, tanto se houver um único meio como se houver vários. E, removida a causa, desaparece o efeito. Logo, tirado o primeiro, já o médio não poderá ser causa. E se se procedesse indefinidamente nas causas eficientes, nenhuma seria causa primeira, e portanto desapareceriam todas aquelas que são causas médias. O que é manifestamente falso. Logo, deve-se supor que exista uma primeira causa eficiente, que é Deus.

Chega-se assim, por força lógica, a uma primeira causa que exista por si mesma, que não seja efeito de nada anterior. A essa primeira causa, a *Causa causarum*, chama-se Deus.

Esse é o grande argumento exposto por Tomás, que será retomado, como veremos, de maneira mais específica na segunda das cinco vias tomistas. Sua força lógica foi sempre considerada absolutamente inquestionável até Kant pô-la em tela de juízo, a partir de sua famosa distinção entre juízos analíticos (ou explicativos) e sintéticos, em decorrência da qual considerou o princípio da causalidade mera lei subjetiva do entendimento, no mero campo dos fenômenos.

Não cabe aqui, neste trabalho, a análise dos argumentos do filósofo alemão e dos que, em sua esteira, negam que o princípio da causalidade possa ser aplicado à demonstração da existência de Deus. Nosso objetivo é permanecer na análise do



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 13* (2020/2)

Arte, belleza y contemplación estética

Art, bellezza i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

ensinamento tomista, que incontáveis seguidores tem até os nossos dias, exprimindo o pensamento assente na Igreja Católica.

O mesmo argumento é desdobrado, na ST, I, q. 2. a. 3 (*Utrum Deus sit*), em cinco vias distintas. Todas elas, repita-se, são desdobramentos do argumento inicial, são caminhos diferentes para, por via dos efeitos, chegar-se à Causa Primeira, à Causa das causas.

As *cinco vias* são bem conhecidas. A *primeira* delas parte da existência do movimento observável no universo, do qual se deduz a necessidade de um primeiro Motor Imóvel, que não seja movido por nenhum fator extrínseco, mas, pelo contrário, faça todas as demais coisas se moverem. A *segunda* estuda a causalidade eficiente, numa série que exige uma Causa Primeira não causada, que não seja efeito de nenhuma outra; é o mesmo argumento geral há pouco exposto, mas mais clara e extensamente ainda formulado.

A *terceira* estuda os seres contingentes, que existem, mas poderiam não existir, devendo sua existência a outros seres anteriores, e que são ademais corruptíveis, tendo um fim, uma morte ou uma destruição; tais seres não podem ter existido sempre, devendo logicamente apoiar-se num Ser que não seja contingente, mas exista necessariamente por Si mesmo. Da *quarta* via, que chega à existência de Deus pelos graus de perfeição das coisas criadas, falaremos mais largamente a seguir, pois tal é o objeto precípua deste artigo. Já a *quinta* via chega até à existência de Deus pela contemplação da ordem profunda do Universo, a qual pressupõe a existência de um Ordenador.

Essas são, muito resumida e sumariamente consideradas, as famosas *cinco vias*. A primeira, a segunda e a quinta consideram a Deus dinamicamente, em função do movimento; a terceira e a quarta O consideram estaticamente, no fato mesmo de Ser.

Essas cinco vias foram rerepresentadas pelo Papa Pio XII, num discurso célebre que dirigiu em 1951 aos membros da Pontifícia Academia de Ciências, mostrando como a Ciência Moderna oferece subsídios cogentes para que o intelecto humano, muito melhor aparelhado então do que no século XIII, possa compreender a alta sabedoria presente nessas cinco vias.⁷ A Ciência moderna, longe de infirmar o raciocínio

⁷ PIO XII. [*Discorso di sua santità Pio XII ai cardinali, ai legati delle nazioni estere e ai soci della Pontificia Accademia delle Scienze.*](#)



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 13* (2020/2)

Arte, beleza y contemplación estética

Art, bellesa i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

tomista, fornece, segundo o Pontífice, informações que o reforçam de modo significativo.

Concentremo-nos agora na *quarta via*, aquela que contempla os graus de perfeição das criaturas e, por esse meio, chega à Perfeição infinita de Deus. É, por excelência, a via da beleza, a via intelectivamente mais sutil e difícil de apreender, mas, paradoxalmente, a via que mais move os espíritos simples, aqueles que intuitivamente não separam o Belo do Verdadeiro. Tal era, como trataremos mais adiante, o espírito medieval.

Na sua simplicidade, reproduzamos o argumento tomista acerca dessa via:

Quarta via sumitur ex gradibus qui in rebus inveniuntur. Invenitur enim in rebus aliquid magis et minus bonum, et verum, et nobile; et sic de aliis huiusmodi. Sed magis et minus dicuntur de diversis secundum quod appropinquant diversimode ad aliquid quod maxime est: sicut magis calidum est, quod magis appropinquat maxime calido. Est igitur aliquid quod est verissimum, et optimum, et nobilissimum, et per consequens maxime ens: nam quae sunt maxime vera, sunt maxime entia, ut dicitur II Methapys. Quod autem dicitur maxime tale in aliquo genere, est causa omnium quae sunt illius generis: sicut ignis, qui est maxime calidus, est causa omnium calidorum, ut in eodem libro dicitur. Ergo est aliquid quod omnibus entibus est causa esse, et bonitatis, et cuiuslibet perfectionis; et hoc dicimus Deum. (ST, I q. 2 a. 3)

A quarta via é tomada dos graus de perfeição que há nas coisas. Vemos, nas coisas, que umas são mais ou menos boas, verdadeiras e nobres que outras, e o mesmo sucede com as diversas qualidades. Ora, o mais e o menos se atribuem às coisas conforme seu grau de proximidade com o máximo, e por isso é que se diz que o mais quente é o que mais se aproxima do máximo calor. Por isso, há de existir algo que seja sumamente verdadeiro, bom e nobre, pois, como diz (Aristóteles em) II Methapys., o que é a verdade máxima é a entidade máxima. Pois bem, o máximo em qualquer gênero é causa de tudo o que naquele gênero existe, assim como o fogo, que tem o máximo calor, é causa do calor de tudo quanto é quente, como diz (Aristóteles) no mesmo livro. Existe, por conseguinte, algo que é para todas as coisas causa de seu ser, de sua bondade e de todas as suas perfeições, e a Isso chamamos Deus.

Vemos, assim, que de acordo com o pensamento tomista, se a beleza existe em graus diferentes em seres diversos, por força ela há de ser produzida por uma única causa. Com efeito, não se pode supor que essa qualidade comumente participada por muitos seres diversos lhes sejam atributos de sua própria natureza, já que, se assim fosse, eles não poderiam tê-la em graus diversos, mas a teriam necessariamente perfeita, plena, ilimitada.



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 13* (2020/2)

Arte, belleza y contemplación estética

Art, bellesa i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

Assim sendo, se diferentes seres possuem graus diversos da beleza, segue-se forçosamente que todos eles participem de uma Beleza que lhes é extrínseca, que existe fora e por cima de todos eles. A essa Beleza absoluta é que chamamos Deus.

Note-se que a inteligência plena desse princípio exige que exista não somente uma beleza ideal, arquetípica, mas exige que exista uma Beleza subsistente, que exista por si mesma; exige, pois, um Ser que seja essencialmente a própria Beleza.

Em outras passagens da ST, o tema dos graus de perfeição volta a ser tratado. Em I, q.77, a.2, quando estuda as múltiplas potências da alma humana, Tomás distingue cinco graus de perfeição. O primeiro e mais alto é o que pertence ao Ser que possui o bem perfeito por Si mesmo e sem operação alguma, ou seja, Deus. O segundo grau é o das criaturas que possuem o bem perfeito por poucos movimentos ou, mesmo, por um único movimento; nesse grau estão os espíritos angélicos. No terceiro grau se situa o homem, que alcança o bem perfeito por muitas operações. No quarto grau estão aqueles que não podem alcançar jamais o bem perfeito, mas sem embargo disso logram alcançar o bem imperfeito, por meio de algumas operações, no caso dos animais superiores, ou de uma única operação, no caso dos inferiores. Por fim, no último grau da escala, estão os seres como as plantas, que não podem alcançar nenhum desses bens, porque não participam de movimento algum.

Em breve síntese, essa é a quarta via tomista, para a razão humana chegar, pela busca dos graus de perfeição – vale dizer pela via da beleza – ao conhecimento de Deus. Do ponto de vista psicológico, o argumento nela contido por certo era de alto poder de convencimento para o homem medieval, cuja mentalidade se caracterizava pela contínua busca pela beleza absoluta – entendida em termos religiosos e cristãos, obviamente. Esse traço da mentalidade medieval é facilmente notado nas múltiplas manifestações artísticas da época.

Na Idade Média, prevalecia o teocentrismo. Deus era o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim da História humana e era, ao mesmo tempo, o centro de tudo. Por princípio, tudo se ordenava para Deus e se relacionava com o Divino como a seu fim último – embora na prática, na ordem concreta das realizações humanas, muitas vezes esse ideal não fosse nem de longe atingido.

Em todos os campos das atividades humanas, econômicos, culturais, artísticos, em princípio era esse o ideal que deveria prevalecer. A arte medieval não somente focalizava preferencialmente temas religiosos, mas também entendia a si própria como



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 13* (2020/2)

Arte, beleza y contemplación estética

Art, bellesa i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

a expressão da Beleza, e entendia a Deus como sendo a soma Beleza, o inspirador, o parâmetro e a Causa Final de todas as artes humanas.⁸

Com o Renascimento, o critério de valores mudou radicalmente. Deus deixou de ser o centro de tudo. É claro que não se propôs o ateísmo, propôs-se simplesmente um deslocamento do papel de Deus. O Homem ocupou seu lugar. O antropocentrismo tomou a dianteira sobre o teocentrismo.⁹ Dessa mudança axiológica profunda, as consequências seriam inevitáveis.

A arte, por exemplo, deixou de ser a expressão da beleza suprema e passou a exprimir belezas humanas, proporcionadas aos limites do homem. A representação do maravilhoso e do sublime do Paraíso e de uma Terra concebida como reflexo e imitação do mundo paradisíaco até então tinha sido o objetivo dos artistas medievais. Tal objetivo cedeu o passo a outro, o da busca das perfeições clássicas, dos modelos humanos consagrados pela Antiguidade.¹⁰ Do ponto de vista técnico, as artes tiveram grandes progressos no Renascimento. Técnicas novas foram desenvolvidas, obras-primas foram realizadas.

Mas, como acontece em toda mudança, houve também perdas notáveis. Foram desprezados e sacrificados numerosos elementos artísticos medievais, que só muito

⁸ BRUYNE, Edgar de. *A Estética da Idade Média*. Porto: Caminhos Romanos, 2016; GILSON, Étienne. *Introdução às Artes do Belo: o que é filosofar sobre a Arte?* São Paulo: É Realizações, 2010. Nesta última obra, ver especialmente o capítulo VIII (As Artes e o Sagrado), p. 149-164.

⁹ Sobre a mudança criteriológica profunda do Medieval para o Renascimento humanista, ver, entre muitos outros: GILSON, Étienne. “L’humanisme médiéval et la Renaissance”. In: *Les idées et les lettres*. Paris: Vrin, 1932, passim; OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Revolução e Contra-Revolução*. São Paulo: Artpress, 1998, p. 26-28; GAMBRA CIUDAD, Rafael. *História Sencilla de la Filosofía*. Madrid: Ediciones RIALP, 1984, p. 171-179; FRANCA, Leonel S. J. *Noções de Historia da Philosophia*. Rio de Janeiro: 1921, p. 89-100; LAHR, Ch. S. J. *Manual de Philosophia*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1930, p. 781-782; TRUC, Gonzague. *História da Filosofía*. Porto Alegre: Editora Globo, 1968, p. 120ss.; GONZALEZ, Zéphirin (Cardinal). *Histoire de la Philosophie*. Paris: P. Lethielleux, Libraire-Éditeur, 1891, t. III, p. 1-3.

¹⁰ Sobre a arte medieval e as transformações artísticas e culturais do Renascimento, é amplíssima a bibliografia disponível. Entre muitas outras obras, ver BURCKHARDT, Jacob. *La Cultura del Renacimiento en Italia*. Barcelona: Editorial Iberia, 1959; FAURE, Élie. *Histoire de l’Art: L’Art Médiéval*. Paris: Les Éditions Les Crès et Cie., 1926 ; FAURE, Élie. *Histoire de l’Art: L’Art Renaissance*. Paris: Les Éditions Les Crès et Cie., 1926 ; GEBHART, Émile. *Les origines de la Renaissance en Italie*. Paris: Librairie Hachette et Cie., 1879; LUCAS-DEBRETTON, Jean. *A história da Renascença Italiana – A idade de ouro*. Porto: Editorial Aster, 1961; HOFSTÄTTER, Hans H. *La Fin du Moyen Âge*. Collection L’Art du Monde. Lausanne: Éditions Rencontre, 1970.



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 13 (2020/2)*

Arte, beleza y contemplación estética

Art, bellesa i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

depois, já no século XIX, voltariam a ser valorizados. A estatuária medieval, que era predominantemente policromada, em muitos lugares teve as tintas raspadas, para que a estátua aparecesse monocromática, em sua pura forma, apenas para corresponder aos padrões que se julgava serem os da Antiguidade clássica.¹¹

O anseio pela beleza, porém, é permanente na natureza humana, por mais variados e variáveis que sejam os homens, por mais que se diversifiquem as culturas no espaço físico e no temporal. Podem ir mudando, ao sabor dos gostos e das escolas artísticas que se sucedem, os critérios estéticos para definir o que é belo e o que é feio, mas a busca pela beleza continua. Por isso, a quarta via tomista, que se mostrava tão atual no tempo em que o gênio de Aquino a formulou, permanece perfeitamente *aggiornata* em nossos dias. E, por certo, assim continuará por muitos séculos mais, enquanto perdurar, neste planeta, a nossa espécie.

Fontes

SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra los Gentiles* (edição bilíngue, em 2 volumes). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1952.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica* (edição bilíngue, em 16 volumes). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1957.

Bibliografia

A LAPIDE, Cornelio S. J. *Commentaria in Scripturam Sacram R. P. Cornelii a Lapide*. Paris: Ludovicus Vivès Bibliopola Editor, 1866. Tomo XVIII, Divi Pauli Epistolarum.

BRUYNE, Edgar de. *A Estética da Idade Média*. Porto: Caminhos Romanos, 2016.

BURCKHARDT, Jacob. *La Cultura del Renacimiento en Italia*. Barcelona: Editorial Iberia, 1959.

FAURE, Élie. *Histoire de l'Art: L'Art Médiéval*. Paris: Les Éditions Les Crès et Cie., 1926.

FAURE, Élie. *Histoire de l'Art: L'Art Renaissance*. Paris: Les Éditions Les Crès et Cie., 1926.

FRANCA, Leonel S. J. *Noções de Historia da Filosofia*. Rio de Janeiro: 1921.

GAMBRA CIUDAD, Rafael. *História Sencilla de la Filosofía*. Madrid: Ediciones RIALP, 1984.

GEBHART, Émile. *Les origines de la Renaissance en Italie*. Paris: Librairie Hachette et Cie., 1879.

GILSON, Étienne. *Introdução às Artes do Belo: o que é filosofar sobre a Arte?* São Paulo: É Realizações, 2010.

GILSON, Étienne. "L'humanisme médiéval et la Renaissance". In: *Les idées et les lettres*. Paris: Vrin, 1932.

GONZALEZ, Zéphirin (Cardinal). *Histoire de la Philosophie*. Paris: P. Lethielleux, Libraire-Éditeur, 1891, t. III.

¹¹ Em alguns poucos locais da Europa, por exceção, foi conservada a policromia. Por exemplo, no belíssimo [Pórtico de Santa Maria, em Laguardía, Álava \(Espanha, século XIV\)](#).



Matheus Corassa da SILVA (org.). *Mirabilia Ars 13* (2020/2)

Arte, beleza y contemplación estética

Art, bellesa i contemplació estètica

Art, beauty and aesthetic contemplation

Arte, beleza e contemplação estética

Jun-Dic 2020/ISSN 1676-5818

- HOFSTÄTTER, Hans H. *La Fin du Moyen Âge*. Collection L'Art du Monde. Lausanne: Éditions Rencontre, 1970.
- LAHR, Ch. S. J. *Manual de Philosophia*. Resumo adaptado do *Cours de Philosophie*, com licença do autor, por JASPERS, Ludgero O.S.B. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1930.
- LUCAS-DEBRETON, Jean. *A história da Renascença Italiana – A idade de ouro*. Porto: Editorial Aster, 1961.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Revolução e Contra-Revolução*. São Paulo: Artpress, 1998.
- PAULO VI. [Discorso di Paolo VI ai Congressi Mariologico e Mariano](#).
- PARENTE, Petrus. *De Deo Uno et Trino*. Collectio Theologica Romana ad usum seminariorum, vol. II. Torino: Marietti, 1962.
- PIO XII. [Discorso di sua santità Pio XII ai cardinali, ai legati delle nazioni estere e ai soci della Pontificia Accademia delle Scienze](#).
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A CULTURA. [La Via pulchritudinis, cammino privilegiato di evangelizzazione e di dialogo](#). Documento final da Assembleia Plenária de 27/28 de março de 2006.
- TRUC, Gonzague. *História da Filosofia*. Porto Alegre: Editora Globo, 1968.